

ARTIGO

MULHERES NA EDIÇÃO UNIVERSITÁRIA: O CASO ARGENTINO¹

Ivana Mihal²

Resumo

Desde o início das editoras criadas nas universidades nacionais de gestão pública na Argentina, as mulheres fazem parte de equipes de trabalho, das próprias direções editoriais, dos processos de produção, comercialização e difusão de livros, e também de seus catálogos. Considerando a carência de estudos sobre as mulheres na edição e sobre a edição universitária na Argentina, este artigo trata, num primeiro momento, do perfil deste setor editorial e, no segundo, de um olhar sobre a composição dos catálogos e a edição de livros sobre mulheres e, em sentido mais geral, sobre gênero e feminismos. Os resultados que apresento surgem a partir do levantamento realizado pela Rede de Editoras de Universidades Nacionais do Conselho Interuniversitário Nacional (REUN-CIN), no cenário de produção editorial de livros entre 2018 e 2019, e do estudo etnográfico sobre a edição universitária.

Palavras-chaves

Mulheres na Edição; Editoras Universitárias; Mercado Editorial Argentino.

Abstract

Desde el inicio de las editoriales creadas en las universidades nacionales de gestión pública en Argentina, las mujeres forman parte de los equipos de trabajo, de las propias direcciones editoriales, de los procesos de producción, comercialización y difusión de libros y también de sus catálogos. Considerando la carencia de estudios sobre las mujeres en la edición y sobre la edición universitaria en Argentina, este artículo trata,

-
- 1 Este trabalho é a versão ampliada da comunicação intitulada “O lugar das mulheres nas editoras universitárias”, apresentado no 4º Pensar Edição, Fazer Livro, edição online, nos dias 16 e 17 de outubro de 2020.
 - 2 Universidad Nacional de San Martín, CONICET, Argentina; ivana.mihal@gmail.com

en primer lugar, del perfil de este sector editorial y, en segundo lugar, de una mirada a la composición de catálogos y edición de libros sobre y, en un sentido más general, sobre género y feminismos. Los resultados que presento provienen de la encuesta realizada por la Red de Editoriales de Universidades Nacionales del Consejo Nacional Interuniversitario (REUN-CIN), en el escenario de producción editorial de libros entre 2018 y 2019, y de un estudio etnográfico sobre la edición universitaria.

Palabras-claves

Mujeres en la Edición; Editoriales Univesitarias; Mercado Editorial Argentino.

Introdução

As mulheres têm sido objeto de estudo no campo editorial, nos últimos anos, em pelo menos duas perspectivas: de um lado, quanto ao papel que desempenharam na criação de editoras feministas e na publicação de catálogos com essa perspectiva (MURRAY, 2004; SZPILBARG, 2019, 2018); do outro, em termos de como têm contribuído, por meio de diferentes ocupações e funções – editoras, agentes literárias, ilustradoras, tradutoras, entre outras –, para a configuração desse campo. Mas isso ainda é recente porque, como indicam várias pesquisas, apesar da existência de uma perspectiva histórica, bem como dos estudos sociológicos sobre a edição, o olhar sobre o papel das mulheres no desenvolvimento do campo editorial, considerado, de acordo com Panofsky (2019), como eminentemente masculino, era portanto invisível (FERNÁNDEZ, 2019; SZPILBARG, 2018; SZPILBARG, MIHAL, 2021; RIBEIRO, 2020, 2019, entre outras).

Nesse último sentido, algumas investigações têm sido feitas, gerando grupos de estudos multidisciplinares e espaços de discussão³ em diferentes países, sempre focados nesse assunto. No Brasil, Ana Elisa Ribeiro (2020, 2019), Lorrany Mota de Almeida e Paula Renata Melo Moreira (2019) têm

3 Pura Fernández (2019) aponta grupos que trabalham sobre o tema na Espanha, assim como Panofsky (2019) dá conta de antecedentes na Itália, Grã-Bretanha, Estados Unidos e Canadá; Ribeiro (2019) aponta o caso das Mulheres na Edição no Brasil, entre outros. Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla que venho desenvolvendo sobre a edição universitária argentina ligada ao CONICET e de uma pesquisa coletiva com Alejandrina Falcón, Daniela Szpilbarg, María Belém Riveiro e Daniela Páez sobre as trajetórias e posições das mulheres no campo editorial.

mostrado a relevância dos catálogos de várias editoras para a constituição da história da edição independente e da publicação de escritoras negras no mercado editorial da atualidade. No Canadá, Ruth Panofsky, com *Toronto trailblazers. Women in Canadian Publishing* (2019), reconstrói a participação de editoras e agentes na edição universitária daquele país; na Colômbia, Margarita Valencia e Paula Marin, com *Elas editam* (2019), recuperam o testemunho de dezesseis editoras atuais; na Espanha, Fruela Fernández (2012) se ocupou das tradutoras, abordando sua visibilidade e reconhecimento; Pura Fernández (2019) desenvolve uma história cultural da edição contemporânea dentro da perspectiva transnacional e de gênero naquele país, entre outros.

Na Argentina, os casos estão sendo tratados em perspectivas diacrônicas e sincrônicas, desde a análise de Alejadrina Falcón (2018, 2013) com as tradutoras e colaboradoras na história da tradução; com a relação que propõe Victoria Daona (2013) entre as narrativas das mulheres sobre o terrorismo de Estado; até outros como o trabalho de Páez (2020) sobre as cartunistas e a existência das ilustrações femininas e feministas. As mulheres também são curadoras de catálogos como editoras, são motivo de estudo de diferentes pesquisadoras tais como María Belén Riveiro (2020a; 2020b) e de Szpilbarg e Mihal (2021) e de outras que mostram diferentes facetas como escritoras e editoras ou diretoras de coleção e pedagogas, cujo papel foi analisado por Gerbaudo e Tosti (2020) e por Bombini (2020); e meu próprio caso, em que venho trabalhando especificamente com mulheres em editoras universitárias nacionais de gestão pública em meu país, bem como alguns outros casos, como a figura central de Sayri Karp na edição universitária mexicana como diretora editorial e como representante do espaço coletivo desse tipo de edição na América Latina.

Vários dos antecedentes citados fazem parte do volume “Editoras e autorias: as mulheres no mundo editorial latino-americano” do *Caderno de Estudos do Centro de Estudos em Desenho e Comunicação* que coordenamos, mostrando que a tarefa de agrupar essas reflexões foi um ponto de partida para pensar que publicar não é apenas uma atividade masculina, ou uma questão de visibilidade. As mulheres têm influência e participação decisiva na produção, difusão e circulação do livro. Recuperar os momentos históricos nos quais trabalharam, suas trajetórias e experiências laborais, seus capitais, seus catálogos, as relações sociais e profissionais em que elas estão/estarão imersas é parte de uma abordagem

feminista dos estudos da edição (MIHAL, RIBEIRO e SZPILBARG, 2020). É por isso que junto “(...) à restituição de uma genealogia feminina silenciada como uma prática normalizadora: mulheres a contraluz, mas com um reconhecido papel na gestão diária editorial” (FERNÁNDEZ, 2019, p. 18), é necessário ter em conta que as trajetórias individuais das diretoras editoriais são uma parte, mas não a única parcela do trabalho feito pelas mulheres no mundo do livro e da edição.

O presente artigo expõe um mapeamento, inédito até o momento, em dois sentidos: por um lado, sobre como as mulheres fazem parte das editoras universitárias de gestão pública na Argentina. Nesse item, procuro apresentar um ponto de partida que as torne visíveis e que contribua para incorporar e refletir sobre as práticas das mulheres e os processos cotidianos em que elas se desenvolvem, num espaço particular da edição, como é a universitária, e sobre o recorte das condições de trabalho de suas inserções laborais. Por outro, um olhar sobre a composição dos catálogos e a edição de livros sobre mulheres e, em sentido mais geral, sobre gênero e feminismos.

Quem são essas mulheres? Quantas e que tarefas desempenham? Como e por que ingressaram em editoras universitárias? Que experiências anteriores as levaram a fazer parte dessas editoras? Tomam decisões sobre catálogos e coleções? Priorizam as mulheres como autoras e as seleções de obras sobre gênero(s) e diversidades nesses espaços editoriais? Essas perguntas não têm a intenção de apenas exemplificar os números em percentuais, e sim de tentar criar um panorama que permita traçar novos questionamentos que nos ofereçam um diagnóstico da situação das mulheres nesse setor editorial. No entanto, algumas dessas perguntas estão além do foco deste artigo e serão parte da continuidade de minha pesquisa. Por isso, em primeiro lugar, apresento a metodologia que guia este trabalho, para, em seguida, descrever e analisar a conformação das equipes de gestão editorial, atendendo, em termos comparativos, à presença de mulheres e a suas condições contratuais.

Aproximações metodológicas

Desde 2018, venho dedicando atenção ao campo da edição e às editoras das universidades de gestão pública, de um ponto de vista etnográfico, o que implica, como parte da estratégia metodológica, minha inserção nos processos cotidianos que supõe o mundo editorial a partir da presença de

quem pesquisa nas próprias editoras. Mas esse percurso, que começa em 2018, tem como contexto as reivindicações dos movimentos feministas pela legalização do aborto seguro, legal e gratuito, a luta contra os feminicídios, violências e desigualdade de gênero, bem como a presença da diversidade na agenda pública da Argentina.

Nesse contexto, adverti, prontamente, que algumas dessas editoras são dirigidas por mulheres com trajetórias, experiências e profissões distintas; algumas outras, por homens. Mas em diálogos com diferentes profissionais da edição universitária, em diversos lugares, observei a participação acentuada das mulheres, que marcaram presença em feiras literárias, nas reuniões do setor e nas editoras. Assim surgiu a necessidade de conhecer a composição desse âmbito editorial e das mulheres, em particular. Mas a tarefa de conhecer a composição ocupacional das editoras e estudar especificamente a conformação dos recursos humanos em relação à presença feminina não é e nem foi simples. Seja no setor de edição comercial, independente, artesanal ou autogerida, não é fácil recolher as informações necessárias. As dificuldades surgem em distintas instâncias públicas, sejam elas as câmaras empresariais, do setor estatal em geral ou, mais particularmente, das próprias universidades.

Com efeito, a Câmara Argentina do Livro, que reúne editoras comerciais, universitárias e independentes no país, foi um dos primeiros espaços a que recorri para a obtenção de informação, ainda no final de 2018, até que, finalmente, em fevereiro de 2019, responderam que não tinham um levantamento desse tipo (comunicação por correio eletrônico, 18 de fevereiro de 2019). Quanto ao setor cultural, em 2018, o Sistema de Informação Cultural da Argentina (SINCA), ligado ao então Ministério de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia, elaborou um informe com perspectiva de gênero a partir da última Pesquisa Nacional em Consumos Culturais, realizada no ano anterior. Nesse informe sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho, que compreende as ocupações de acordo com a classificação proposta pela UNESCO, está a edição de livros. Afirmava-se que a proporção de homens em relação às mulheres era maior na representação do emprego cultural (58% homens, 42% mulheres). Da mesma forma, nas ocupações ou profissões, a porcentagem de homens é amplamente maior (63% contra 37%), bem como a diferença referente ao salário recebido, que favorece a população masculina com um valor 28% maior (SINCA, 2018). Essa informação, embora seja valiosa por tornar visíveis as desigualdades existentes, não permite discernir o setor editorial,

tampouco ter em conta em que tipos de editoras e em quais ocupações as mulheres exercem suas atividades.

Por outro lado, em relação ao meu contexto de estudo, os selos universitários, em princípio, são parte do setor educacional, particularmente das políticas de educação superior, já que integram as universidades (MIHAL, 2019a). Em diálogos com diferentes interlocutoras e interlocutores de campo – frequentemente à frente da direção editorial geral –, percebi que para dizerem quantas pessoas são, a fim de discernir as mulheres, e quais atividades desenvolvem dentro das equipes, de maneira esporádica ou parcial, elas e eles levam alguns minutos de reflexão ou sempre informam aproximações, e não dados concretos.

As próprias autoridades, inclusive os reitores entrevistados, oferecem pouca precisão sobre a quantidade de pessoas nas editoras, bem como sobre suas condições de trabalho. Para isso, eles encaminham minhas perguntas às diretoras e aos diretores editoriais. Sequer a Rede de Editoras de Universidades Nacionais (REUN) do Conselho Interuniversitário Nacional (CIN) (comunicação pessoal com Coordenador, abril de 2018), ou a Associação de Editoras Universitárias de América Latina e o Caribe (EULALC), da qual participa a REUN (comunicação pessoal com sua presidenta, novembro de 2018), puderam precisar a composição dos recursos humanos em geral.

Os resultados que apresento aqui surgem da sistematização e da análise de dois tipos distintos de materiais. Em primeiro lugar, dos resultados de um questionário realizado pela REUN-CIN⁴, e, em segundo lugar, do estudo etnográfico que venho realizando, no qual observo, registro, leio e dialogo com diferentes pessoas nas editoras, além de analisar algumas coleções dedicadas aos estudos de gênero(s) e feminismos.

Embora eu esteja longe de ser capaz de oferecer um panorama estatístico sobre o trabalho das mulheres nos selos das universidades de gestão pública, este artigo tem por finalidade fazer uma aproximação à inserção laboral delas nesses espaços.

4 Coordenado pelo dr. Alejandro Dujovne, a quem agradeço a oportunidade de incorporar algumas perguntas relacionadas a meu tema de pesquisa e a conseguinte facilitação do material

**Composição das editoras universitárias:
mulheres em equipes de trabalho**

A essa quase ausência do panorama das mulheres na edição descrita mais anteriormente, há outro problema que pode ser adicionado, as condições laborais ou de trabalho ligadas à produção de escritoras, como apontou Claudia Piñeyro na abertura da 44^a Feira do Livro de Buenos Aires, e também em discussão sobre a criação de um instituto nacional do livro argentino, em 2018. Nessa ocasião, da qual participaram diferentes agentes do âmbito editorial e dos campos intelectuais com atuação na área das políticas públicas, entre outras, as corretoras editoriais também propuseram ter em conta mulheres que trabalham em outras tarefas ainda menos visíveis do que as autoras (registro de observação, abril de 2018).

Nesse sentido, o levantamento feito pela REUN-CIN (2019) ganha relevância. Seu questionário de obtenção de informação foi enviado digitalmente a 52 editoras (das quais uma não era nacional, mas de um estado), mas foi respondido por apenas 35 delas, entre maio e julho de 2019 (DUJOVNE, 2019). Dessas 35, 34 responderam diretamente a respeito do objetivo deste trabalho, o que já pode ser um indício do problema. É preciso dizer que foi breve o espaço para levantar informações básicas sobre a presença de mulheres e dissidências nas equipes das editoras, dada a amplitude deste levantamento. No entanto, as respostas dadas no questionário permitem analisar alguns aspectos que contribuem para a caracterização das editoras situadas nas universidades nacionais.

Em termos gerais, as editoras são de tamanhos muito distintos, e as que foram criadas décadas atrás contam com equipes maiores (como mostra a Tabela 1)⁵.

Tabela 1. Composição das equipes de trabalho nas editoras

EDITORIA	ANO DE FUNDAÇÃO	QUANTIDADE DE PESSOAS EMPREGADAS
UNL Ediciones	1994	24
Editorial de la UNQ	1996	13

⁵ Será necessário continuar com a pesquisa para saber se essa composição está ligada às disponibilidades e demandas que requerem levar adiante o plano editorial anual de cada selo ou se também obedecem a outros fatores.

EDIUNC	1989	13
EDUNER	1998	14
UNIPE Editorial Universitaria	2010	7
EdUNaM	1995	10
UNR Editora	1989	24
EDUNTREF	1999	7
EDULP	1987	14
UNTDF Ediciones	2015	3
UNM Editora	2012	7
EUNSa	2010	3
UNSAMedita	2006	10
UniRío Editora	2011	6
EdUTecNe	2005	2
EdUNLPam	2003	10
Editora da Universidade Nacional do Nordeste (EUDENE)	2014	10
Libros de UNAHUR	2018	3
EDUNPAZ	2015	6
Editorial de la UNC	2007	9
Editorial UNICEN	2013	4
EDUCO	2003	2
Editorial UNRN	2016	5
Libros UNA	2015	2
Ediciones UNGS	1993	18
EdUNaF	2018	5
EdUNLu	2014	14
EDUNSE	2012	6
Editora da Universidade Nacional de Mar del Plata (EUDEM)	2006	9
UNDEF Libros	2017	2
UADER	2014	5
EDUNT	2006	8
EDUVIM	2008	30
EUDEBA	1958	54

Fonte: Elaboração própria a partir do artigo de Dujovne (2019) e do levantamento CIN-REUN (2019).

No que se refere às diferenças entre a quantidade de pessoas empregadas nas editoras (Tabela 1), é possível ver grandes diferenças entre elas, o que possibilita captar a heterogeneidade característica dos selos nas universidades de gestão pública. Além da heterogeneidade, outro aspecto que os caracteriza é a desigualdade na composição percentual de homens e mulheres. Esta primeira etapa da análise aponta que a proporção mulher-homem total é significativamente menor, em termos percentuais (31,63% frente a 68,36% - Figura 1). Isso revela também que as editoras de universidades de gestão pública são conformadas majoritariamente por homens, superando, em mais que o dobro, a participação das mulheres nos postos de trabalho.

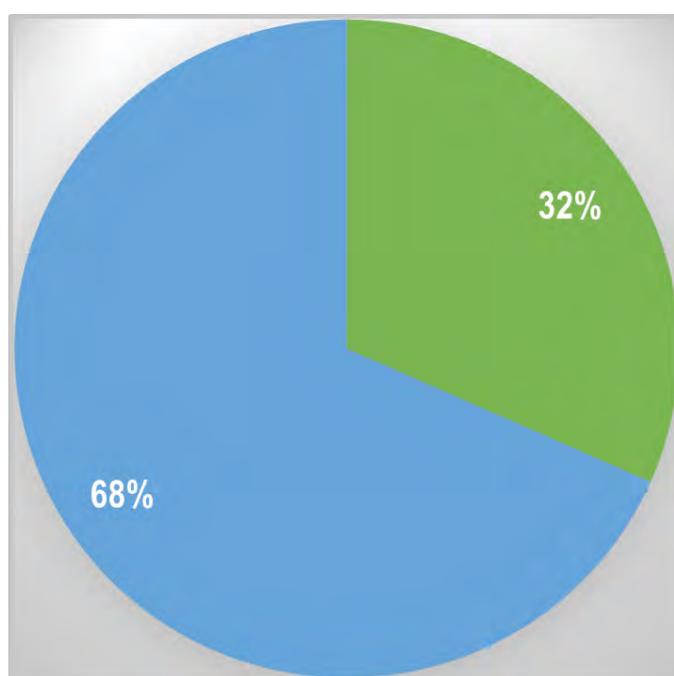


Figura 1 - Conformação do pessoal das Editoras Universitárias

Fonte: Elaboração própria com base no levantamento REUN-CIN (2019).

Observando em detalhes, as editoras mostram desde algumas que contam com apenas uma pessoa em sua planta permanente (o que, na Argentina, significa emprego estável), até outras com equipes maiores (Figura 2). Cabe comentar que essas diferenças podem vir da antiguidade de cada selo, além de sua institucionalidade no contexto universitário, dado que a heterogeneidade e a diversidade delas é parte constitutiva das tradições, das estruturas e das políticas das universidades em que estão

inseridas (MIHAL, 2019b). As equipes de trabalho são constituídas por um conjunto de integrantes que são “não-docentes”, isto é, principalmente pelos ofícios dedicados à docência e à pesquisa. A categoria não-docentes – aqueles que não exercem cargos docentes, nem de gestão política acadêmica –, e a de docentes – com funções desviadas para as editoras ou desempenhando a docência e a edição –, ou aquelas pessoas que pesquisam⁶ – das universidades e/ou dos órgãos de ciência e tecnologia, como o CONICET –, em menor medida, ocupam geralmente cargos de direção. Enquanto em várias ocasiões diversas pessoas manifestaram fazer parte do pessoal não docente de outras áreas, com colocações (ou emprestadas) nas editoras, ou ocupando ambos os espaços de trabalho, por exemplo, como alguns integrantes da área de comunicação universitária e/ou de design, que compartilham funções e carga horária entre a editora e o setor/área da universidade da qual dependem (MIHAL, 2019a).

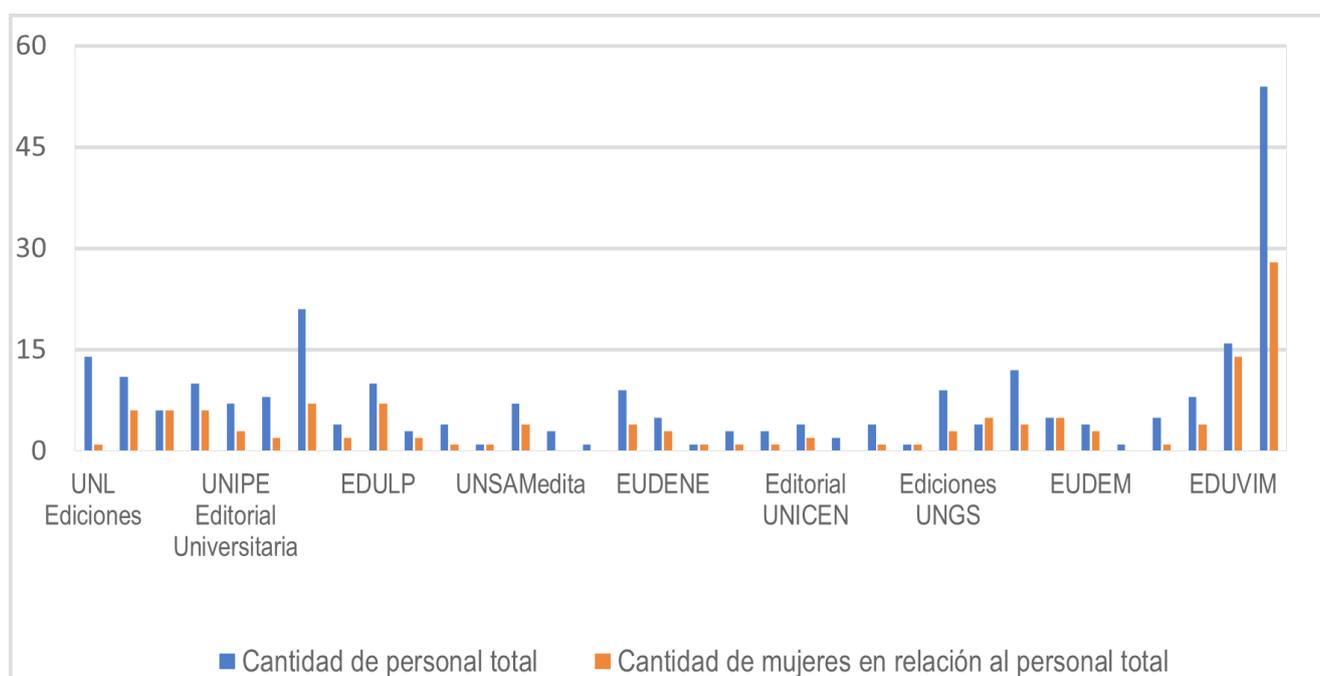


Figura 2: Composição do pessoal de planta permanente

Fonte: Elaboração própria com base no levantamento REUN-CIN (2019).

No que diz respeito à distribuição da proporção homem/mulher em cada editora, no cumprimento de suas funções e com empregos na planta

6 Refiro-me aos casos que integram as equipes editoriais, pois os que exercem funções de ensino e/ou investigação também integram os comitês editoriais ou dirigem coleções.

permanente (Figura 2) – neste regime as pessoas que trabalham têm maior estabilidade e benefícios sociais –, em comparação com outras formas de contratação, os resultados são que de um total de 260 pessoas empregadas, 129 são mulheres, ou seja, menos da metade. Somente 30% (Figura 3) do pessoal de planta é formado por mulheres, incluindo algumas editoras constituídas integralmente por homens.

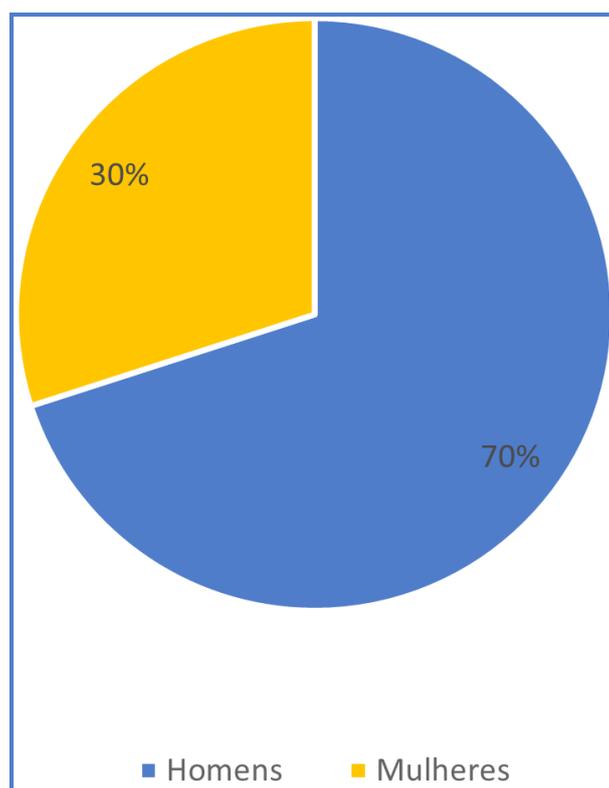


Figura 3. Pessoas empregadas de planta nas editoras universitárias
Fonte: Elaboração própria com base no levantamento REUN-CIN (2019).

No entanto, observando participantes em diferentes editoras universitárias, é possível perceber que há um núcleo de pessoas desenvolvendo atividades *in situ*, enquanto muitas outras intervêm em diferentes momentos ao longo do fluxo da edição, mas não fazem parte das equipes de trabalho mais estáveis. Por isso foi preciso incluir outras maneiras de inserção laboral, entre as quais destacam-se as contratações. Essas contratações estão ligadas, comumente, a um projeto editorial, como a edição de certos livros, traduções, ilustrações, o manejo das redes sociais e/ou um projeto em particular.

Como pode ser visto (Figura 4), nem todos os selos têm em suas

equipes integrantes com essa modalidade contratual. Não obstante, de acordo com os objetivos deste trabalho, mais uma vez, é possível observar a maior proporção de mulheres em geral com empregos mais precários do que os homens, porque a relação corresponde a 115 pessoas com contratações, 65 são mulheres, o que constitui 56,52% desse total (Figura 4).

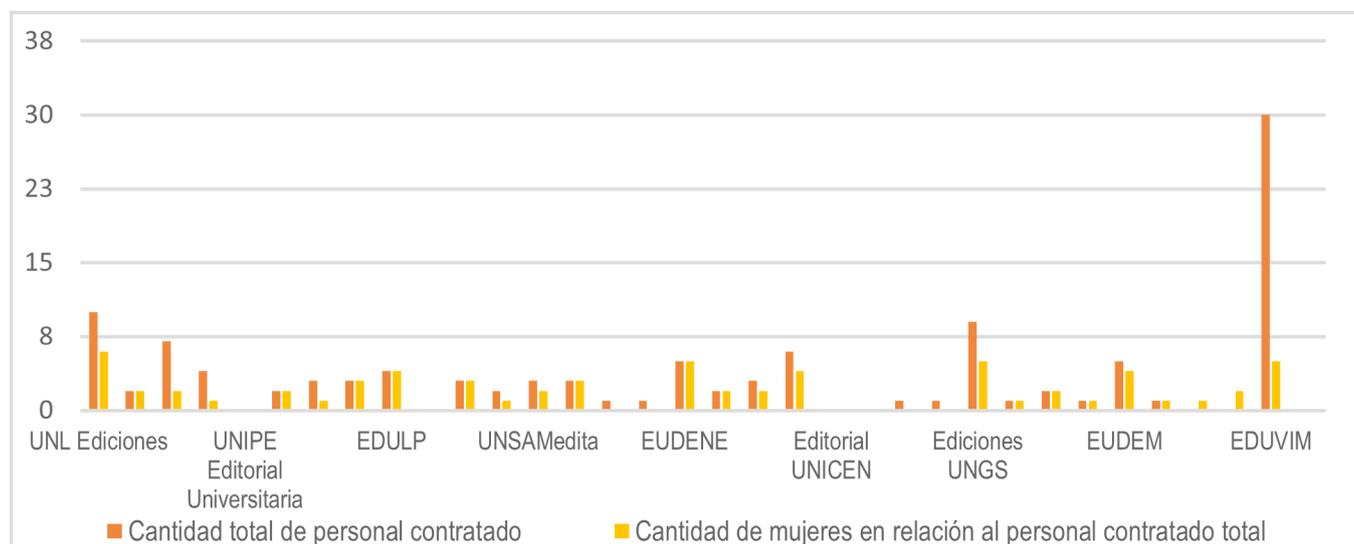


Figura 4 - Composição do pessoal contratado

Fonte: Elaboração própria com base no levantamento do REUN-CIN (2019).

Embora seja necessário complementar essa informação com outras fontes que permitam estabelecer as ocupações, as divisões de trabalho interno e suas condições laborais específicas (por exemplo, ganhos econômicos), é plausível adiantar que as contratações significam empregos temporais, freelances, instáveis, que muitas vezes levam ao pluriemprego. Em outras palavras, as contratações são sinônimas de flexibilização e precarização laboral. Ainda que parte dos recursos das universidades, das profissões e quefazeres pertinentes à produção editorial se levem a cabo com esse tipo de contratação, isso afeta primordialmente as mulheres.

Mesmo que não seja possível aprofundar este tema aqui, nas entrevistas que fiz desde 2018, e que continuo fazendo, com mulheres que trabalham ou trabalharam na produção editorial universitária, tanto na Argentina quanto no México, emergiram diferentes problemáticas. Algumas delas alinhadas aos principais assuntos que os estudos feministas destacam: os mecanismos internos de mobilidade, a seleção, a obtenção e a continuidade nas posições hierárquicas dentro de cada editora, as licenças por maternidade, entre outros. Nesse sentido, não se trata simplesmente

de ter participação numericamente menor num setor constituído majoritariamente por homens, mas também do poder de decisão em diversos aspectos, entre eles a construção dos catálogos e as dinâmicas internas das editoras.

Catálogos com perspectivas de gênero(s) e feministas

O último ponto da seção anterior introduz a perspectiva de trabalhar no campo dos estudos de mulheres na edição contemporânea da mão da abordagem dos catálogos editoriais (FERNÁNDEZ, 2019). A maior presença de mulheres nas editoras possibilita publicar livros sobre problemas/temas definidos por elas como protagonistas? Pensar sobre o lugar do feminismo e da edição não implicaria reduzir o espectro à publicação de autoras, mas sim considerar todo o conteúdo que se escreve a partir de uma perspectiva de igualdade e diversidade, assim como a desconstrução de atribuições de gênero comuns (SZPILBARG, 2018). Embora alguns selos tenham publicado livros esparsos no catálogo, no levantamento do REUN-CIN (2019) a circunscrição numa linha específica, através de uma coleção ou série, permite observar que pessoas/temas/problemas publicam de acordo com a geração de catálogos feministas, tais como identidades de gênero, a violência de gênero, papéis de mulheres e homens (SZPILBARG, 2018).

Nessas classificações de catálogo, é possível apreciar opções e definições a respeito das seleções feitas, nesse sentido não só eles permitem ordenar a produção editorial, como criar definições políticas (MIHAL, 2019b). Certamente, não é a mesma coisa publicar livros que visibilizam as mulheres em distintos espaços da cena pública, econômica e doméstica, e editar livros que envolvam também feminicídios, identidades de gênero ou infâncias diversas. Neste sentido, quanto aos catálogos de editoras, até julho de 2019, os dados sugerem que apenas 7 das 34 editoras, o que representa o 20,58% (Tabela 2), contam com uma linha, série ou coleção dedicada às mulheres, aos feminismos ou gênero(s), incluindo dissidências e diversidades. Além disso, a maioria das editoras que tem uma linha particular é dirigida por homens.

Este estudo das editoras universitárias também supõe um diferencial que consiste em atender à articulação com outros espaços e políticas de educação superior ligadas às universidades nas quais os selos estão inseridos: sim, os livros são resultado de pesquisas e derivam dos centros

de estudos situados nessas instituições. Quer-se dizer que essas coleções ou séries que as editoras publicam dialogam com outras áreas das universidades, afins com as problemáticas abordadas e publicadas.

Tabela 2. Catálogos con perspectiva de género(s) y feminismos

Editoriales	Línea/Serie/Colección	Año de inicio	Cantidad de títulos
UNR Editora	Apuntes feministas	2019	2
EDUNTREF	Colección Políticas y estudios de género	2018	1
EDULP	Serie de Género, dentro de la Colección Sociales	2012	12
Libros de UNAHUR	ESI (título provisorio)	2019	3
Ediciones UNGS	Colección Intervenciones	2014	5
EDUNT	Colección Mujeres soberanas	2019	1
EDUVIM	Historia Femeninista de la Literatura Argentina	2018	0

Fonte: Elaboração própria com base no levantamento REUN-CIN (2019).

Das editoras enumeradas (Tabela 2), relativamente, a quantidade de títulos editados sobre mulheres não é significativa em termos quantitativos, em comparação com o total de novidades que esses selos editam ou os títulos que compõem seus fundos editoriais, mas, qualitativamente, isso indica modos de compreender e definir a publicação de livros sobre mulheres, gêneros e dissidências.

Em primeiro lugar, no caso das Edições UNGS e da EDULP, vale lembrar que o contexto em que surgiram as linhas editoriais desses selos esteve intimamente relacionado a um conjunto de normativas nacionais que foram sancionadas, como a Lei n. 26.485 sobre Proteção Integral às Mulheres (2009), a Lei do Matrimônio Igualitário (2010), a Lei n. 26.743 sobre Identidade de Gênero (2012), entre outras. Colocar na agenda pública temas/debates controvertidos faz parte desses catálogos, e tal é o caso das Edições UNGS, com uma abordagem decisiva na edição de livros sobre infâncias diversas, uma marca distintiva de seu catálogo (MIHAL, 2019b). A EDULP conta com maior variedade de problemáticas – em livros autorais e compilações sobre masculinidades, descriminalização

do aborto, dissidências, feminismos em literatura, em estudos sociais etc. –, além de uma quantidade de títulos publicados em uma seção de uma coleção maior. Essa editora construiu uma identidade em torno de seu catálogo, além da relevância estética e comunicativa de toda a sua linha editorial.

Em segundo lugar, exceto as aludidas acima, as editoras começaram a editar, especificamente em coleções ou seções do catálogo, livros dedicados a essas problemáticas assim que houve forte incidência, a nível social, acadêmico e midiático, dos debates sobre a Lei de Aborto legal, seguro e gratuito, em 2018. Antes disso, só representavam 5,88% dos selos, o que foi elevado a 17,64% com as coleções, linhas ou séries ativas, até julho de 2019, dado que a quantidade de editoras que publicam livros sobre esses tópicos, em diferentes seções do catálogo, se ampliou.

Em terceiro lugar, a EDUNT e a EDULP publicaram literatura e/ou ensaios relacionados a esses temas. A EDUVIM vinha anunciando uma nova coleção, História da Literatura Feminista, desde 2018, e seu primeiro livro saiu em outubro de 2020. Neste ponto, volto a Domínguez (2015), que argumenta que após o movimento “Ni una Menos” e a mobilização de 2015 na Argentina, há uma cada vez mais evidente cena pública de violência contra as mulheres, violência que inclusive faz parte das tramas ficcionais da literatura.

Em quarto lugar, a EDUNTREF harmoniza sua coleção com a linha de estudos que tem lugar na universidade por meio do Centro Interdisciplinar de Estudos e Políticas de Gênero (comunicação pessoal com diretor geral na Feira Internacional do Livro de Buenos Aires, abril de 2019). A UNAHUR, por sua vez, publicou livros sobre educação sexual integral e representa uma universidade que tem um Programa de Desenvolvimento de Políticas Universitárias de Igualdade de Gênero. Do ponto de vista da profissionalização dos selos, isto é endogênico e, considerando a atenção editorial em si, poderia se pensar que isso afeta sua autonomia, já que quem publica pode ser conhecido pelo comitê de avaliação. No entanto, as articulações com as linhas de pesquisa e a intervenção que levam adiante as universidades podem se reverter numa potencialidade desses selos, como parte das políticas institucionais.

O quinto e último tópico ao qual me referirei é a utilização da linguagem não sexista e inclusiva. Majoritariamente, as editoras que a utilizam (Figura 5) são menos de 9%, embora haja um conjunto que representa mais

do que 35% de utilização parcial ou pontual, o que, somado ao número anterior, chega a 44,21%, contra 44,11% que não fazem uso dessa linguagem. É interessante notar que o panorama do uso desse tipo de linguagem é diferente de acordo com o tipo de editora e também de catálogo que elas publicam. Nesse sentido, isso é comum em selos de viés feminista (SZPILBARG, 2018) e motivo de debate, por exemplo, nas últimas Feiras de Editores Independentes (FED), em 2019 e 2020, não sendo extensivo ao resto do setor editorial. Ao contrário, as editoras de textos educativos para uso escolar, os selos governamentais, acadêmicos/especializados e comerciais não têm essa prática, sendo sua incorporação excepcional e, em grande parte, resultado das equipes com pessoal com enfoque de gênero e/ou coletivos e grupos militantes de LGBTTTIQ (TOSI, 2020).

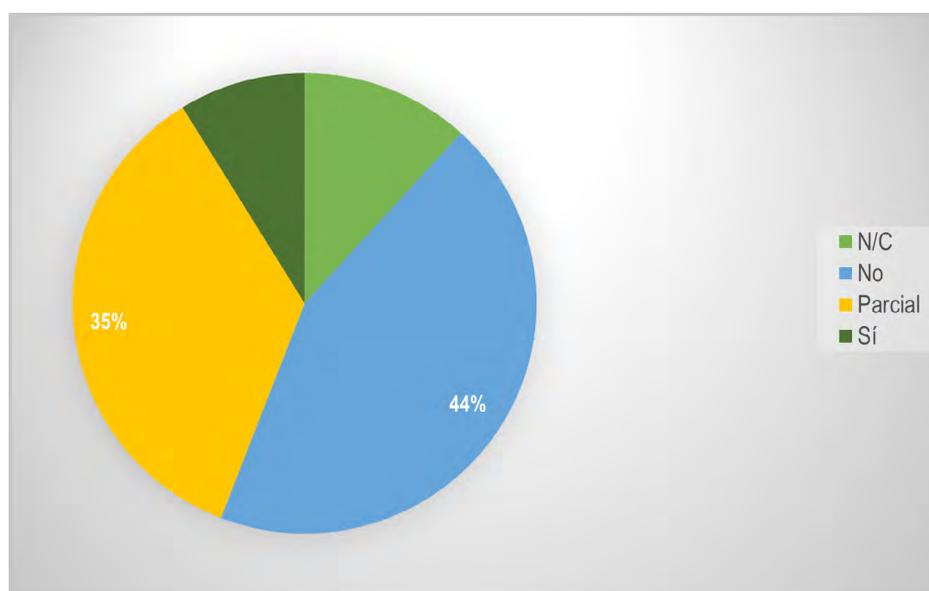


Figura 5. Utilização do lenguaje não sexista e inclusivo

Fonte: Elaboração própria com base no levantamento REUN-CIN (2019)

Até agora, na edição universitária, a utilização da linguagem não sexista é mínima e ainda sem consenso (Figura 5). Sua apropriação e seu uso dependem de acordos estabelecidos com as próprias autoras e autores dos livros, que podem solicitar uma edição que respeite esses usos e, em bem menor medida, tal linguagem pode ser sugerida pela própria editora. Tampouco há uma política editorial sobre isso no coletivo nucleado na REUN. Em alguns casos levantados, o emprego da linguagem inclusiva é determinado com base no gênero da publicação e no tema abordado pelo

livro. Em outros casos, ocorre a negativa das autoridades universitárias, deliberando que a editora não faça esse uso (registro de campo, 23 de maio de 2019), o que sublinha a particularidade que têm os selos universitários por estarem enquadrados em instituições que podem delinear (com maior ou menor autonomia) certa orientação dos catálogos e até decisões ligadas ao trabalho interno da produção editorial. As universidades, como afirma Arnés (2019), estabelecem valores, hierarquias e diferenciações por meio de seus programas de estudo, suas perspectivas pedagógicas e seus corpos docentes. Daí as tensões entre sustentar a utilização da linguagem não sexista e inclusiva como parte de uma política universitária ou da política editorial.

Considerações finais

Considerando a carência de estudos sobre a mulher na edição e sobre a própria edição universitária na Argentina, aqui recortei o problema das editoras de gestão pública e, neste trabalho, tratei de abordar o perfil inicial da participação feminina nesse setor, tentando, assim, reposicionar não apenas sua visibilidade, mas também fazendo algumas aproximações sobre as desigualdades em suas condições laborais. Esta análise, como já dito, possibilitou visualizar a proporção desigual de mulheres e homens que trabalham nas editoras e, além disso, mostrou que as mulheres estão em situação de maior precarização laboral.

No entanto, essa maior presença não significa que as mulheres e suas problemáticas tenham um espaço especial o dedicado a elas na construção dos catálogos. Certamente, é necessário aprofundar a revisão da quantidade de autoras publicadas pelos selos e os temas de maior incidência. O olhar sobre os catálogos – além dos títulos no catálogo geral de cada editora – apontou a inclusão de problemáticas e temas sobre mulheres, gênero(s) e feminismos em coleções ou seções especialmente orientadas ao seu tratamento. Essas edições vêm crescendo, em sintonia com as reivindicações e demandas de diferentes movimentos sociais, além da sanção de um conjunto de normativas relacionadas aos problemas das mulheres, das infâncias e das dissidências, e da agenda pública e da mídia, enquanto o uso da linguagem não sexista e inclusiva é ainda incipiente.

Referências

- ARNÉS, Laura. Ficciones del género: modos de leer, modos de enseñar, modos de escribir. In: LÓPEZ SEOANE (comp.) *Los mil pequeños sexos: intervenciones críticas sobre políticas de género y sexualidades*, Sáenz Peña: EDUNTREF, 2019. p. 45-56.
- BOMBINI, Gustavo. Disidencia, resistencia y reposicionamiento: la actividad editorial entre dictadura y democracia. Mujeres editoras. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación*, n. 107, p. 161-176, 2020.
- DAONA, Victoria. Mujeres, escritura y terrorismo de estado em Argentina: una serie de relatos testimoniales. *Moderna språk*, n. 2, 107, 2013. Disponível em: <http://ojs.ub.gu.se/ojs/index.php/modernasprak/article/view/2654/2411>
- DOMÍNGUEZ, Nora. Literatura que mata: femicidios, recuento y representación. *Revista Exlibris*, n. 4, p. 210-214, 2015.
- DUJOVNE, Alejandro. Ampliación y límites estructurales de la edición universitaria argentina. Un análisis de la producción y distribución editorial entre 2014 y 2019. *Revista Telar*, n. 23, p. 91-118, 2019.
- FALCON, Alejandrina. *Traductores del exilio. Argentinos en editoriales españolas: traducciones, escrituras por encargo y conflicto lingüístico (1974-1983)*. Madrid: Iberoamericana-Vervuert, 2018.
- FALCON, Alejandrina. Traductores del exilio: el caso argentino en España (1976-1983). Apuntes sobre el tratamiento de las fuentes testimoniales en historia reciente de la traducción. *Revista Mutatis Mutandi*, n. 6(1), p. 60-83, 2013.
- GERBAUDO, Analía; TOSTI, Ivana. Beatriz Sarlo y el campo editorial en Argentina. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación*, n. 107, p. 129-159, 2020.
- FERNÁNDEZ, Fruela. De la profesionalización a la invisibilidad: las mujeres en el sector de la traducción editorial. *Revista Trans*, n.16, p. 49-64, 2012.
- FERNÁNDEZ, Pura. ¿Una empresa de mujeres? Editoras iberoamericanas contemporáneas. *Revista Lectora*, n. 25, p. 11-39, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1344/Lectora2019.25.1>
- MIHAL, Ivana; RIBEIRO, Ana Elisa; Daniela, SZPILBARG. Introducción: Editoras y autorías: las mujeres en el mundo editorial latinoamericano.

- Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación*, n. 107, p. 49-69, 2020. Disponible em: <https://doi.org/10.18682/cdc.vi107>
- MIHAL, Ivana. O lugar das mulheres dentro das editoras universitárias. Presentación en *4° Pensar, Fazer o livro e a edição*, octubre, 2020. Disponible em: https://www.youtube.com/watch?v=xKyS0WrbgvM&t=5s&ab_channel=PensarEdi%C3%A7%C3%A3o4
- MIHAL, Ivana. La edición universitaria argentina a la luz de la Feria del Libro de Guadalajara: acerca de la internacionalización y digitalización 2019a. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación*, n. 85, a. 23, p. 11-16, 2019/2020. UP. Disponible em: https://fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/cuadernos/detalle_publicacion.php?id_libro=835
- MIHAL, Ivana. Políticas editoriales universitarias y apuestas a catálogos con perspectiva de género(s). *Revista Telar*, Los caminos de la escritura en América Latina: libros, lectores y bibliotecas II, n. 23, p. 117-136, 2019b. Disponible em: <http://revistatar.ct.unt.edu.ar/index.php/revistatar/article/view/449/412>
- MOTA DE ALMEIDA, Lorrany; MELO MOREIRA, Paula Renata. Literatura juvenil de mujeres negras - Brasil, Siglo XXI. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación*, n. 107 p. 17-34, 2020.
- MURRAY, Simone. *Mixed Media: Feminist Presses and Publishing Politics*. London: Pluto Press, 2004.
- PÁEZ, Daniela. Las historietistas argentinas. Trayectorias, espacios y dinámicas de trabajo desde los '40 a la actualidad. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación*, n. 107, p. 35-63, 2020.
- PANOFSKY, Ruth. *Toronto trailblazers. Women in Canadian Publishing*. Canadá: University Toronto Press, 2019.
- REUN-CIN (2019). Encuesta sobre Edición Universitaria Pública Argentina, dirigida por A. Dujovne. *Observatorio de la Edición Universitaria Pública Argentina*, Informe provisorio, agosto, 2019.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Mulheres na edição: o caso de Tânia Diniz e o mural Mulheres Emergentes. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación*, n. 107, p. 65-79, 2020.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Editoriales y editoras en Brasil hoy. Dos casos contemporáneos: Chão da Feira y Relicário. *Revista Lectora*, n. 25, p. 227-240, 2019. D.O.I.: 10.1344/Lectora2019.25.14
- RIVEIRO, María Belén. Ada Korn editora: por una historia crítica del

- mundo editorial. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación*, n. 107, p. 84-94, 2020a.
- RIVEIRO, María Belén. El archivo personal de Ada Korn editora: estudiar el campo editorial desde una perspectiva de género. *V Jornadas de Investigación y reflexión sobre Mujeres, Historia y Archivos*, Rosario, p. 17-18 sept., 2020b.
- SINCA (2018). *Mujeres en la cultura: notas para el análisis del acceso y la participación cultural en el consumo y el mercado de trabajo*. Disponible em: https://www.cultura.gob.ar/media/uploads/mujeres_en_la_cultura_pdf.pdf
- SZPILBARG, Daniela. *Cartografía argentina de la edición mundializada: modos de hacer y pensar el libro en el siglo XXI*, p. 211-219. Temperley: Tren en Movimiento. 2019.
- SZPILBARG, Daniela. Armas cargadas de futuro: hacia una historia feminista de la edición en Argentina. *Malisia*, n. 5, p.15-29, agosto, 2018. Disponible em https://issuu.com/malisialibros/docs/malisia_la_revista__4_issu.
- SZPILBARG, Daniela e MIHAL, Ivana. Apuntes para pensar el campo editorial en clave feminista. El caso argentino contemporáneo. *Revista Estudos Feministas*, n. 29(2), p. 1-15, 2021. Disponible em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n270570>
- TOSI, Carolina. Enseñanza, El género y la Facultad de Filosofía y Letras: los devenires de la inclusión. *Revista Exlibris*, n. 9, p. 169-179, 2020.
- VALENCIA, Margarita & MARIN, Paula. *Ellas editan*. Colombia: Ariel, 2019.
- WINIK, Marilina & ORTÍZ MALDONADO, Natalia. De cómo un cuarto propio se convierte en un lugar comunitario. En D. BADENES Y V. STEDILE LUNA (Comps.). *Estado de feria permanente : La experiencia de las editoriales independientes argentinas 2001-2020*. p. 207-2016, 2019. La Plata : Club Hem. (Filosurfer ; 7). En *Memoria Académica*. <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.3704/pm.3704.pdf>